

Muro não!

RONALDO JUNQUEIRA
Editor-Geral

Os brasileiros vão selecionar hoje pelo voto direto os dois finalistas da eleição mais livre e democrática já disputada entre nós. Estamos vivendo certamente o maior momento da vida do País em termos políticos, com 82 milhões de pessoas habilitadas a escolher seu futuro governante. É oportunidade rara, que a própria campanha demonstrou, para escolher o tipo de sociedade que os brasileiros querem construir nos próximos anos.

Por mais confusa que tenha sido esta primeira etapa da campanha e a própria profusão de candidatos, é importante dizer que as alternativas básicas são apenas duas e o foco central da questão é o relacionamento da sociedade com o Estado. Seja qual for o eleito, ele terá, à esquerda ou à direita, de promover profundas reformas no Estado brasileiro e na forma com que ele se relaciona com a sociedade, seja prestando serviços, seja regulamentando suas atividades.

As propostas de esquerda privilegiavam uma revisão do Estado, "desprivatizando-o" como propõe Roberto Freire, aliás, para meu gosto quem apresentou as propostas mais lúcidas no segmento da esquerda. Lula e Brizola (de esquerda?) se perderam num populismo vulgar. Lula, é preciso dizer, beirou ao revanchismo nas suas propostas.

Pela direita, Collor, Maluf e Afif mantiveram certa unidade nas suas propostas para gestão do Estado, mudando apenas o tom da abordagem e a forma com que cada um apreciou as mazelas do governo Sarney.

Mário Covas é um capítulo à parte nesta eleição, na medida a que suas propostas, por conseguirem agradar e desagradar a todos, não apresentam a nitidez projetada pelos outros candidatos. É o próprio muro em busca do voto.

Particularmente, me agrada mais a nitidez dos outros candidatos, pois a sociedade brasileira precisa de sa-

ber, com a maior transparência, o tipo de escolha que está fazendo para o futuro. Não podemos nos dar ao luxo de perder outra década na busca de caminhos para o País. Sou, evidentemente, a favor da livre iniciativa, de uma sociedade governando o Estado, cada um dentro das regras, cuidando da sua realização pessoal. Porém, se a maioria optar por entregar o poder aos postulantes das propostas socializantes, acho apenas que conscientemente a sociedade por sua maioria fez a opção pelo atraso. Logo, vamos respeitar, pois eleição é coisa de maiorias. Fico no Brasil, na oposição, bem longe do avião de Mário Amato.

Sonho com um Brasil, pode ser utopia, como a Suíça, onde a maioria da população, em pesquisa recente, não sabia declinar o nome do presidente da República, mas conhecia o do presidente da Nestlé.

A eleição de hoje era uma das utopias da minha geração cassada pela ditadura. As outras, espero realizá-las a partir de agora.